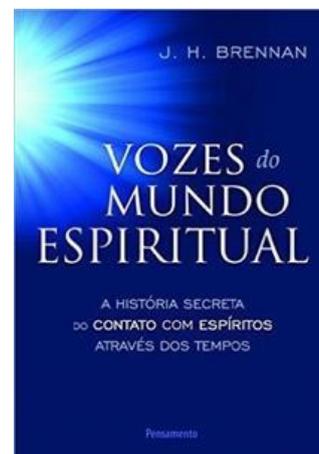


## A confissão das Irmãs Fox

Em ***Vozes do Mundo Espiritual: a história secreta do contato com os espíritos através dos tempos***, o autor **J. H. Brennan** esclarece que “Trechos deste livro fizeram parte da minha dissertação de mestrado, *Comunicação Espiritual: Exame de um Fenômeno Importante do Esoterismo Ocidental*, na Universidade de Exeter, Inglaterra.”

Na orelha da contracapa, lemos: “J. H. Brennan nasceu em 5 de julho de 1940, em County Down, na Irlanda do Norte. Foi hipnoterapeuta, editor de jornal e revista, conselheiro e diretor de agências de publicidade e de relações públicas. Atualmente, além de facilitador de seminários sobre temas como desenvolvimento espiritual, pesquisa psíquica, física subnuclear, magia, plano astral, sonhos, cura e reencarnação, Brennan também é autor renomado de vários livros de sucesso sobre ocultismo. Ele é mestre em Esoterismo Ocidental pela Universidade de Exeter.”



Tudo abaixo foi tomado do capítulo 23, intitulado “Uma Investigação Cética”, no qual Brennan trata das fraudes e falsificações dos fenômenos espirituais em alusão ao cético James Randi, que qualifica de “importante desmistificador de espíritos e de fenômenos paranormais”. (p. 321)

### **Início transcrição:**

Mas o fato de ser possível duplicar fenômenos espirituais e mediúnicos por meio de truques, algo que tem acontecido com certa frequência, não prova que haja uma fraude universal, motivo pelo qual a investigação científica é tão importante. Naturalmente, há aqueles que alegam que essa investigação vem se realizando desde 1882, quando a Sociedade de Pesquisas Psíquicas foi fundada em Londres para “realizar pesquisas acadêmicas organizadas sobre experiências humanas que desafiam os modelos científicos contemporâneos” <sup>(1)</sup> No século que transcorreu desde então, de fato a sociedade informou que alguns fenômenos aparentemente espirituais eram fruto de truques, falsificações, mentiras, mal-entendidos, causas naturais, interpretação errônea, e fraude; porém, também relatou fenômenos que pareceram autênticos. Esta última categoria é que chamou a atenção do movimento cético, cujos membros estão preocupados com a hipótese de investigações supostamente científicas não terem sido realizadas com o rigor adequado. Em muitos casos. os

---

1 Disponível em <<http://www.spr.ac.GB/main/>> (acesso em: 3 de fevereiro de 2012)

céticos fizeram as próprias investigações, em geral sobre fenômenos declarados autênticos após exames anteriores. Até agora, *nenhum* caso <sup>(2)</sup> publicado pelo movimento cético apresentou um fenômeno paranormal autêntico. O resultado foi o desmascaramento geral da obra dos cientistas e acadêmicos que se interessaram craticamente pela pesquisa paranormal.

Um exemplo importante de desmascaramento, mencionado com frequência na literatura cética, é a confissão de fraude feita por Margaret Fox em 1888. O verbete da enciclopédia de Randi sobre as irmãs Fox, cujas experiências formaram a base do espiritualismo moderno, mostra que elas confessaram ter falsificado as batidas estalando as juntas dos artelhos e jogando maçãs no chão. O verbete conclui:

As confissões públicas nada fizeram para amainar a crença nas irmãs Fox ou no movimento a que deram origem. Os crentes expressaram seu pesar pelo fato de as irmãs terem sido forçadas a mentir, e o espiritualismo continuou, como se as confissões das irmãs Fox nunca tivessem acontecido. <sup>(3)</sup>

Esse verbete contém um pequeno erro, dando a impressão de que mais de uma das irmãs Fox teria confessado – um erro que, infelizmente, é repetido em boa parte da literatura cética, O contexto da confissão é como apresentado a seguir.

Depois do surgimento de batidas em sua casa em Hydesville, as duas irmãs Fox mais jovens, Kate e Margaret, convenceram a irmã mais velha, Leah, de que os fenômenos eram autênticos, Quase na mesma hora, Kate e Margaret deram início a uma carreira como médiuns, tendo Leah como gerente. Durante algum tempo, as duas jovens tiveram um sucesso extraordinário, e suas sessões eram assistidas pelos ricos e famosos, mas as duas começaram a ter sérios problemas com álcool. Nos últimos anos, discutiram muito com Leah, continuaram a beber muito, tiveram problemas pessoais graves e viram as respectivas carreiras – e renda – minguar. Margaret começou a pensar em se matar.

Em 1888, Margaret subiu ao palco da Academia de Música de Nova York para dizer que ela e Kate produziram as batidas em Hydesville estalando as juntas dos artelhos, após o que Leah as forçara a manter a carreira mediúnica. Segundo relatos da imprensa da época, ela denunciou com firmeza o movimento espiritualista chamando-o de “absolutamente falso, do princípio ao fim [...] a mais frágil das superstições [e] a blasfêmia mais perversa do mundo”. Demonstrou os estalos nas juntas enquanto era observada por médicos convocados entre os presentes na plateia, e os ruídos foram altos o suficiente para serem ouvidos “por todo o teatro”. Sua irmã, Kate, ficou sentada num balcão de frente para o palco durante a apresentação. O silêncio de Kate tem sido considerado pelos céticos como uma manifestação de concordância com as palavras de sua irmã, e daí a ideia errônea de que ambas teriam confessado, O erro – se é que foi um erro – foi pequeno. Para

---

2 Janeiro dd 2012.

3 James Randi, *An Encyclopedia of Claims, Frauds, and Hoaxes of the Occult and Supernatural*, op. cit.

os céticos, a confissão solitária de Margaret foi suficiente para considerar as irmãs Fox e todo o movimento espiritualista como casos encerrados.

Mas, como qualquer policial experiente vai confirmar, uma confissão não é necessariamente prova de culpa. O confessor pode querer atenção, ter instabilidade mental ou estar tentando proteger ou magoar alguém. A confissão pode ter sido fruto de coação, tortura ou suborno. Além disso, é preciso levar em consideração qualquer tentativa feita pelo suspeito para retirar a confissão posteriormente. (Uma estimativa <sup>(4)</sup> indica que o número de confissões falsas que levam à prisão por crimes nos Estados Unidos chega a 25%.) Mais de um desses fatores estava presente no caso de Margaret Fox. Ela era alcoólatra, solitária e suicida, alguém que passara a vida buscando atenção como médium. Um repórter de Nova York tinha lhe dado 1.500 dólares – um valor bem elevado para a época – para lhe dar uma entrevista exclusiva, confessando a fraude. A denúncia do espiritualismo, de modo geral, pode ter magoado Leah, que, nessa altura, ganhara uma pequena fortuna com o movimento. Além disso, o silêncio da irmã mais nova, Kate, parece não ter indicado concordância, como alegam os céticos. As cartas que escreveu para casa após a confissão expressaram espanto e incredulidade com relação ao ataque ao espiritualismo. A própria Margaret retirou sua confissão, por escrito, no ano seguinte ao da confissão. Em vez de enfrentar esses fatores, a literatura cética costuma dizer que alguns ou todos são meras “desculpas”. <sup>(5)</sup>

Os elementos da confissão apresentam suas próprias dificuldades. Não sabemos nada sobre os “médicos” que saíram da plateia para supervisionar a demonstração com os estalos dos artelhos de Margaret; e, embora ela possa ter feito sons audíveis, é difícil conciliar o estalo da junta de um artelho com a descrição feita por William Crookes dos sons da sala de sessão produzidos por Kate Fox sob condições de teste:

Esses sons são percebidos em quase todos os médiuns [...] mas com relação à força e à certeza, não ouvi nenhum que chegasse perto dos sons da Senhorita Kate Fox. Durante vários meses, tive oportunidades quase ilimitadas de testar os diversos fenômenos que ocorrem na presença dessa jovem, e examinei em particular o fenômeno desses sons. Geralmente, com os médiuns, é necessário que todos se sentem para uma sessão formal antes que se possa ouvir alguma coisa; no caso da senhorita Fox, parece ser necessário apenas que ponha a mão em qualquer substância para que se ouçam batidas altas, como uma pulsação tríplice, às vezes altas a ponto de poderem ser ouvidas a vários cômodos de distância. Desse modo, eu os ouvi numa árvore viva, numa lâmina de vidro, num fio de ferro estendido, numa membrana estendida, num pandeiro, no teto de um carro e no piso de um teatro. Ademais, nem sempre é necessário o contato efetivo; presenciei esses sons saindo do chão, de paredes etc., mesmo quando as mãos e os pés da médium eram segurados, ou quando ela estava em pé numa cadeira, ou suspensa num balanço pendurado no teto, dentro de uma gaiola de arame e quando desmaiara

4 Disponível em: <[www.innocenceproject.org/Content/Facts\\_on\\_PostConviction\\_DNA\\_Exonerations.php](http://www.innocenceproject.org/Content/Facts_on_PostConviction_DNA_Exonerations.php)> (acesso em: 5 de fevereiro de 2012).

5 Disponível em: <<http://www.ghost-science.co.GB/2010/08/spiritualism-the-birth-of-a-lie>> (acesso em: 5 de fevereiro de 2012).

num sofá. Ouvi-os num *harmonicon* de vidro, em meu próprio ombro e sob minhas próprias mãos, Ouvi-os numa folha de papel, segura entre os dedos por um pedaço de barbante passado por um canto. Conhecendo plenamente as numerosas teorias que surgiram, em especial nos Estados Unidos, para explicar tais sons, testei-os de todas as maneiras que pude, até não conseguir evitar a convicção de que foram ocorrências verídicas e objetivas, não produzidas por truques nem por meios mecânicos. (6)

Um problema mais sutil foi levantado pelo estudioso Robert McLuhan, que se deu ao trabalho de examinar os detalhes da própria confissão. Nela, Margaret Fox afirmou que, quando as batidas começaram em Hydesville, ela tinha 8 anos de idade e sua irmã Kate, seis e meio. Isso não é verdade. Uma declaração da mãe das meninas, feita apenas duas semanas após o começo das perturbações em 1848, descreve Margaret com 14 anos e Kate com 12. McLuhan achou implausível que Margaret tivesse se enganado com relação à sua idade – existe uma distância emocional muito grande entre uma menina de 8 anos e uma de 14 – e tentou descobrir por que ela teria mentido sobre isso. Chegou então à seguinte conclusão:

O que me fez desconfiar na declaração de Maggie [...] é que ela se esforçou para convencer a plateia de que ela e sua irmã foram capazes de enganar sua mãe. A sra. Fox não entendeu, disse Maggie, “e não suspeitou de que seríamos capazes de fazer um truque porque éramos muito jovens [...] ninguém suspeitou de um truque porque éramos crianças pequenas”.

Maggie também sugeriu que, por serem tão novas, eram flexíveis o suficiente para fazer as contorções físicas necessárias: “Um controle tão perfeito só é possível quando a criança é treinada desde cedo, e aprende, cuidadosa e continuamente, a educar os músculos que ainda vão crescer depois. Uma criança de 12 anos é quase velha demais”... O fato de ela estar ansiosa a respeito sugere-me que ela não tinha vivenciado de fato o cenário a que se referia. Em suma, estava inventando tudo aquilo, e mudar a sua idade e a da irmã foi uma estratégia que visava fazer com que a história soasse plausível. (7)

É possível questionar por que os céticos que aceitaram tão prontamente a confissão de Margaret não perguntaram quem teria escolhido as meninas num idade tão precoce, para ensiná-las, “cuidadosa e continuamente, a educar os músculos que ainda vão crescer depois”, preparando-as para uma carreira de produtoras de falsos ruídos fantasmagóricos.

McLuhan não se deteve na confissão de Fox quando decidiu investigar os fenômenos paranormais. Sendo cético, naturalmente simpatizava com o trabalho de investigação realizado pelo movimento cético e as críticas que este fazia de cientistas preparados para aceitar alguns fenômenos como autênticos. Mas um exame mais detalhado levou ao desencanto. O momento da virada deu-se com o exame do relato histórico de um surto de fenômenos *poltergeist* em 1772. Os fatos sucintos do caso, descritos minuciosamente num panfleto contemporâneo assinado por seis testemunhas, foram como apresentados a

6 William Crookes, “Notes of an Enquiry into the Phenomena Called Spiritual during the Years 1870-1873”, *Quarterly Journal of Science* (Janeiro de 1874).

7 Robert McLuhan, *Randi's Prize* (Kibworth Beauchamp, GB: Troubador, 2010).

seguir.

Uma Londrina, a sra. Golding, estava em sua sala de visitas em 6 de janeiro quando ouviu o som de porcelana quebrando na cozinha. Sua empregada, Ann Robinson, de 20 anos, foi até ela contar que os pratos estavam caindo da prateleira. A sra. Golding foi investigar e viu-se num verdadeiro turbilhão e atividade *poltergeist*: sons violentos pela casa, objetos lançados como que por mãos invisíveis, um relógio que tombou e quebrou, assim como uma panela de cerâmica com carne salgada. A sra. Golding e Ann saíram correndo da casa para se refugiar na casa da vizinha, mas a violência as seguiu. Elas escapara temporariamente dela indo até a casa da sobrinha da sra. Golding, mas tudo recomeçou às oito da noite. Pratos caíam do armário, virando-se sozinhos de cabeça para baixo. Quando recolocados, tornavam a cair. O gato foi atacado com ovos. Um pilão e seu almofariz caíram ao chão de uma altura de quase de metros. Baldes com líquidos começaram subitamente a borbulhar e espumar. Vários outros itens foram jogados, e Ann teve o pé atingido por um bule.

McLuhan descobriu que, segundo o mágico de palco Milbourne Christopher, um cético, William Home, editor, apresentou uma explicação racional alguns anos depois, publicando um artigo no qual afirmava que a empregada, Robinson, havia confessado ter forjado tudo. Ela jogara ovos no gato. Pendurara juntas de porco de modo a caírem por força do próprio peso. Pendurara arame atrás dos pratos para fazê-los cair das prateleiras. Amarrara crina de cavalo a diversos objetos para fazê-los se moverem como que por conta própria. Pusera produtos químicos no líquido dos baldes para fazê-lo espumar.

McLuhan achou isso meio difícil de aceitar, mas ficou convencido, a princípio, porque Christopher, um ilusionista profissional, afirmou que esses truques estavam longe de ser impraticáveis. Porém, as dúvidas começaram a se instalar.

Quanto mais eu pensava nisso, mais ficava intrigado. A questão de prender crinas de cavalo aos objetos me pareceu complicada. Será que a empregada teria embrulhado os pratos com as crinas e atado nós para que se fixassem? Quanto tempo ficaram assim? Teria usado cola? É de se imaginar que ela teria precisado de tempo e de privacidade para preparar tudo sem ser vista... Mesmo que tivesse tido a chance de preparar as perturbações na casa da sra. Golding, será que teria tido a mesma chance de fazê-lo na casa da vizinha? E também na da sobrinha?

É arriscado discutir com um especialista, algo que os próprios cético-ilusionistas gostam de lembrar. Mas Christopher está abusando de sua posição privilegiada: seu cenário não é realista. Prateleiras inteiras de pratos caindo, sendo recolocados e tornando a cair, e outros objetos pela casa ganhando vida ao mesmo tempo, causando danos sérios – isto não sugere ilusionismo, mas sim que alguma coisa está à solta. <sup>(8)</sup>

Ao rejeitar a explicação do mágico de palco, McLuhan sentiu que tinha atravessado algum tipo de Rubicão, mas não conseguiu se livrar da convicção de que, se alguém estava

---

8 McLuhan, *op. cit.*

sendo crédulo nessa história, era o próprio cético. Mais tarde, descobriu que uma característica das investigações mais céticas era que “as explicações de alegações paranormais não precisam ser coerentes [...] *desde que restaurem a normalidade*”. (9) Diz McLuhan:

A ideia de que uma jovem empregada poderia optar por passar seu escasso tempo livre e seus minguados recursos encontrando uma substância química que fizesse borbulhar o líquido no balde de sua patroa, bem como todos esses outros curiosos truques de ilusionismo, ajuda a resolver um problema incômodo, mas cria outros espantosos. Para que todo esse esforço? Como ela adquiriu o talento para fazer tudo isso sem ser flagrada? Em outras circunstâncias, seria difícil imaginar a jovem pensando nessas coisas por um momento sequer. Contudo, aqui, a alternativa é tão impensável que qualquer ideia funciona, por mais que seja intrinsecamente implausível. Como é possível não ser cético com relação à posição do cético? (10)

A julgar pelos exemplos dados em seu livro sobre o assunto, os céticos afirmam que todos os fenômenos paranormais e todas as comunicações espirituais resultam de fraudes. Além disso, volta e meia a posição cética propõe duas premissas que não são enunciadas: 1) que um exame racional dos “espíritos” precisa necessariamente envolver o exame de “fenômenos espirituais” e 2) que o conceito de espírito deve se submeter a provas físicas. Nenhuma dessas premissas está correta. Muitas comunicações aparentemente espirituais não geram fenômenos físicos, e não estão aptas a serem provadas ou refutadas de maneira satisfatória para um materialista cético.

Antes do surgimento do espiritualismo no século XIX, boa parte dos “encontros espirituais” da humanidade eram assim – experiências pessoais que levavam a teorias de sobrevivência após a morte ou à existência de inteligências e entidades imateriais. No próprio espiritualismo, as comunicações não precisam vir acompanhadas de atividade paranormal: muitas, talvez a maioria, envolvem apenas as palavras pronunciadas por um médium em transe. Logo, muitas das objeções céticas são irrelevantes. A questão nunca foi se os encontros espirituais são “reais” – claro que são reais como fenômenos experimentados –, e sim se as teorias que se propõem a explicá-los estão corretas. (BRENNAN, J. H. *Vozes do Mundo Espiritual: a história secreta do contato com os espíritos através dos tempos*. São Paulo: Pensamento, 2016, p. 325-331)

**Fim transcrição.**

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Maio/2018.

---

9 Ibid.

10 Ibid.